

Rituais em desaparecimento

Resenha de: Han, B.-C. (2021). *O desaparecimento dos rituais: uma topologia do presente*. Tradução: Gabriel Salvi Philipson. Petrópolis: Vozes, 160 p.

Han, B.-C. (2019). *Vom Verchwinden der Rituale: eine Topologie der Gegenwart*. Berlin: Ullstein. 4. Auflage. 121 p.

Lúcio Vaz

lucio.oliveira@ufes.br
(Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, Brasil)

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2318-9800.v27i1p113-117>

“Popular” nem sempre é uma desqualificação completa ou uma sentença de morte acadêmica para um livro de filosofia. Sendo hoje a filosofia algo midiaticamente muito mais visível do que há trinta anos, a popularidade já não necessariamente encerra uma condenação à superficialidade. A exceção e a regra são, no entanto, em doses diversas parcialmente verdadeiras para esse autor já traduzido em várias línguas tradicionalmente usadas para veiculação de produtividade acadêmica. Ao longo de mais de vinte livros e alguns artigos, Byung-Chul Han tem alguns trabalhos aprofundados e meticulosos, mas também muitos ensaios populares que oscilam entre achados instigantes e a superficialidade repetitiva.

Tendo começado seu percurso filosófico como intérprete de Heidegger (Han, 1996; 1998), Han, desde 2005, regular e quase exclusivamente passa a se ocupar do que ele entrevê como uma sociedade cujo regime de poder se distingue do poder disciplinar tal como analisado por Foucault. Essa sociedade configurada pelo neoliberalismo e efetivada mais claramente a partir da derrocada dos regimes socialistas da Europa delinea-se nos anos 1990 (Han, 2016). Han usa diferentes terminologias e realça diferentes feições para nomear essa nova configuração de sociedade, mas predomina, em seus escritos, a expressão “sociedade de rendimento”. Assim, *O desaparecimento dos Rituais*, cuja tradução acabou de ser publicada no

Brasil, é mais um entre os muitos livros do autor abordando este que tem sido o objeto privilegiado de suas preocupações recentes: a sociedade capitalista de desempenho marcada pelo excesso de positividade e pela ausência de negatividade, isto é, pelo estímulo ao sim da produção, do consumo e do sucesso e pela ausência de restrições, penas, constringências alheias.

Nesse pequeno livro, Han empreende uma constatação, mais que isso, uma denúncia contra um comportamento comum em nosso tempo: a repulsa aos rituais. O sujeito de desempenho tenderia hoje a encarar o ritual como um conjunto de formalidades sem sentido, fruto de constringências tradicionais ultrapassadas. Na contemporaneidade, denuncia Han, há uma pobreza de símbolos e tudo é transitório (2019, p. 10). Essa transitoriedade e esse desapego ao simbólico explicar-se-ia, mormente, pelo estímulo positivo a produzir, a consumir e a se sentir bem-sucedido.

O reclame de Han, com argúcia, detecta uma falta de relações intersubjetivas mediadas pelas dimensões simbólicas do ritual. Apropriando-se do trabalho do sociólogo Harmut Rosa, Han fala de uma falta de ressonâncias. Os rituais propiciariam ressonâncias verticais (com os deuses etc.), horizontais (com a sociedade) e diagonais (com as coisas). Essas ressonâncias se revelariam frutíferas, acalentadoras, engrandecedoras, por exemplo, no trabalho de luto. Os rituais de despedida marcam a necessidade de ruptura do vínculo com a pessoa falecida (2019, p. 24). Por contraste, a depressão do sujeito de desempenho seria o extremo de ausência de ressonâncias (2019, p. 19), de isolamento e de encarceramento no eu.

Essa concepção sobre a importância da despedida mediante rituais é ampliada com habilidade no capítulo “Rituais da Conclusão” (*Rituale des Schließens*). Han comenta que uma sociedade que rumo para o acúmulo e para o consumo sem fins e nem finalidades outras que não a adição padece da saturação e da dissipação; ao passo que os rituais se revelariam ocasiões de celebração do fechamento, do término (2019, p. 37). Haveria uma demarcação negativa indispensável à vida humana nas próprias práticas ritualísticas. Seguindo essa tônica, Han tenta manter a defesa de um fechamento comunitário, mas sem a xenofobia dos nacionalismos recentes (2019, p. 42-43). Até o retorno dos nacionalismos fundamentalistas ou conservadores seria, a seu ver, uma reação ao neoliberalismo global desestruturador. Embora defenda que há uma forma para uma cultura, Han a percebe como identidade inclusiva. Promissor ou problemático, esse ponto não é, contudo, desenvolvido pelo autor e é deixado como uma sugestão programática.

O diagnóstico de Han, por vezes, carrega as tintas em pares de oposição nítidos, por exemplo, quando Han afirma: “Eles [os rituais] produzem uma *comunidade sem comunicação*, enquanto hoje predomina uma *comunicação sem comunidade*.” Parece haver qualquer coisa de errado em dizer que não há comunicação sem rituais. Mais basilar ainda, é o erro de opor nitidamente comunicação e comunidade. Assim, nesses

pares de opostos, apenas o simbólico seria permanente.

Em verdade, Han adverte logo no início do livro que não o entende como o lugar de um reclame nostálgico contra a ausência de rituais. Essa advertência, feita como quem quer adiantar a resposta a uma objeção, na verdade é desdita pelo restante do livro. Frente ao caos estabelecido pelo desregramento neoliberal, Han enfaticamente reclama que surge uma necessidade de rituais (p. 116). Tamanho desregramento só poderia ser revertido ou superado pela restituição dos rituais a seu lugar de honra, vinculador, estabilizador, agregador etc. Seus comentários, com isso, parecem alocar supostamente todo e qualquer tipo de ritual a um posto mais frequentemente ocupado pela rotina. Han não comenta nem considera os rituais de reinstalação da desordem originária, de reviravolta da ordem cotidiana, de troca e mudança de identidade etc.

Cumpra ainda acrescentar que para Han as ressonâncias horizontais e diagonais, se restituídas, não se bastariam. Elas careceriam de uma ressonância vertical: “Onde já não há mais uma ordem superior, desaparecem os rituais” (2019, p. 116). A demanda pela verticalidade também se faz ouvir em uma discussão que Han tenta desenvolver com Agamben. Contra Agamben, Han afirma que o turista contemporâneo se diferencia significativamente do peregrino. O turista é um consumidor isolado sem uma relação de encontro com o sagrado (2019, p. 56). Sem dúvida, esse comentário se aplica com justeza a muitos e muitos turistas, porém talvez feche os olhos para o que pode haver de sagrado nos museus de arte, por exemplo.

A reboque dessa valorização da sacralidade nos rituais, Han empreende um exame das vivências ritualísticas, especialmente, dos jogos entre vida e morte. Muito usado por Han, Bataille faz uma distinção entre jogo fraco e forte. O fraco é útil, ao passo que o forte coloca a vida em jogo e, por isso, o jogo forte é marcado pela soberania (Han, 2019, p. 59). Han serve-se como ilustração do ritual do “grande sacrifício” realizado no reino de Calcutá (citando Bataille, que por sua vez cita James George Frazer) em que, a cada doze anos, havia uma demonstração de força e coragem e vários súditos guerreiros se sacrificavam uns aos outros. Han enaltece o jogo forte como um princípio de soberania em afronta à sociedade da produção e do trabalho. Os participantes do ritual em Calcutá seriam cavaleiros e não soldados. Somente esses últimos trabalhariam e se arriscariam por um ganho, seu soldo (Han, 2019, p. 62). A morte (mais exatamente, o risco de morte) conferiria vivacidade à vida e jamais seria uma perda. Parece-me que, nessa separação forte e nítida entre o cavaleiro de Calcutá, o qual morre sem nenhum ganho aparente, e o soldado, apenas interessado no próprio soldo, Han não passou em revista as tropas de cavaleiros que batalham por honra, os soldados imbuídos de ideais os mais diversos da abnegação pessoal etc. Han também não vai a fundo na investigação sobre as funções manifestas e latentes do ritual em Calcutá. Como função latente, talvez o ritual se preste a uma

reafirmação do poder soberano do rei. Em todo caso e à parte a rasa antropologia de Han, dizer que estranhemos esse ritual por ele ser o contrário da produção e do trabalho (Han, 2019, p. 61) parece ingênuo.

Ainda dentro dessa configuração do capitalismo, Han assevera que é essencial a ele o banimento da morte (2019, p. 63). Em seguida, o filósofo sul-coreano faz referência à tese de Baudrillard de que há uma troca simbólica entre vida e morte na operação econômica. Em contraposição, Han comenta que, nas sociedades arcaicas, a morte constituía a vida. Ele parece não entender a contradição entre as duas formulações: dizer que o capitalismo elimina (ou visa eliminar) a morte contradiz a tese de uma troca. Han não percebe o quanto o capitalismo até aqui se apoiou na morte, por exemplo, no princípio da transferência automática da herança. Com isso, o autor não entende alguns elementos mortais da troca capitalista intergeracional: a substituíbilidade individual e o legado acumulador de capital.

Han unifica tudo o que se opõe à sociedade de rendimento: a poesia, a religião, a tradição ritualística, o jogo etc. Em que pese enaltecida, essa unificação contra a produtividade e o acúmulo parece reduzir essas diversas instâncias da vida e da cultura a meras fruições estéticas da forma. Assim, a poesia não se ocuparia jamais com a produção de sentido, mas apenas o prazer cerimonial das palavras (2019, p. 75). O jogo, por seu turno, não seria capturável pelo capitalismo contemporâneo, porque este só se interessaria pela criação e satisfação de interesses de consumo (2019, p. 81). Resta claro que essa aglutinação dos supostos focos de resistência ao capitalismo, no entanto, empobrece não apenas a compreensão da poesia e do jogo, mas também do próprio capitalismo. Han despreza, por exemplo, a importância dos jogos virtuais (*games*) como consumo e estratégia de consumo (programa de pontos, por exemplo) - algo reconhecido pelo próprio Han em outros textos.

Os livros mais recentes de Han fornecem material para manter a suspeita de que, nas prateleiras das livrarias, a popularidade é alcançada somente ao preço da simplificação. Em vez de revisar e preencher lacunas e inconsistências, Byung-Chul Han anualmente escreve outros e outros livros em torno de diversos aspectos da sua interpretação. Se lhe tocar um sentimento de já-vi (*déjà vu*) ao ler vários livros de Han, não interprete isso como indício de encarnações passadas. O autor realmente se repete muito.

Mesmo com as muitas fragilidades aqui apontadas, o livro ainda pode interessar a pesquisa filosófica ao provocar a reflexão sobre a exequibilidade e a (in)fecundidade de uma forma de existência exclusiva ou majoritariamente impulsionada pela positividade e pela ausência (ou escassez) da negatividade. *O desaparecimento dos rituais* contém ensaios e breves comentários interessantes sobre a autenticidade, o fim da história, a religiosidade, o suicídio, a chamada “guerra dos drones”, as grandes bases de dados, a pornografia.

Referências

- Han, B.-C. (1996). *Heideggers Herz: zum Begriff der Stimmung bei Martin Heidegger*. München: Wilhelm Fink.
- Han, B.-C. (1998). *Todesarten: Philosophische Untersuchungen zum Tod*. München: Wilhelm Fink.
- Han, B.-C. (2016). *Die Austreibung des Anderen: Gesellschaft, Wahrnehmung und Kommunikation heute*. Frankfurt-am-Main: Fischer.

Recebido em: 01.12.2021

Aceito em: 19.04.2022

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

